

Credores decidem hoje se liberam já o jumbo

O vice-presidente do Citibank, William Rhodes, reúne hoje em Nova Iorque o Comitê de Assessoramento formado pelos bancos credores para avaliar se valer possível ou não fechar até o dia 20 o novo empréstimo-jumbo de US\$ 6,5 bilhões ao Brasil, dos quais o Governo brasileiro quer receber um adiantamento de uns US\$ 3 bilhões antes de 31 de dezembro, para quitar os atrasos de pagamentos no exterior — de acordo com informações adiantadas em Brasília por técnicos da Secretaria do Planejamento da Presidência da República.

O coordenador do Subcomitê de Economia (vinculado ao Comitê de Assessoramento), Douglas Smee, começou ontem a se reunir com técnicos da Seplan e do Banco Central, com o objetivo de avaliar a situação econômica brasileira e, especificamente, de resolver algumas questões que faltam para a assinatura dos contratos de empréstimos com cerca de oitocentos bancos credores. Estes bancos, de todo o mundo, são coordenados pelo Comitê de Assessoramento, formado por 16 bancos de grande porte e presidido por William (Bill) Rhodes.

O chefe da Assessoria Econômica da Seplan, Akihiro Ikeda, disse que Smee está procurando obter *in loco* uma visão mais aprofundada da situação econômica brasileira. Ikeda ma-

nifestou confiança na possibilidade de assinatura dos contratos ainda este mês, de modo a permitir que o Brasil feche seu balanço de pagamentos sem furos. O superintendente do Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais), José Augusto Arantes Savassi, recebeu em seu gabinete na Seplan a visita de Douglas Smee, "interessado em montar um quadro global da economia", inclusive com a projeção do balanço de pagamentos.

Savassi chamou a atenção para o fato de que o fechamento do balanço de pagamentos é importante, mas se não for possível assinar os contratos com os banqueiros ainda este mês não haverá maiores problemas, pois a parcela de recursos que ficar faltando será quitada logo em seguida, em janeiro. Disse que não está contando com esta possibilidade, mas se acontecer não será fator de grande preocupação. Mesmo para os credores não haveria o problema de jogar os atrasados brasileiros em seus balanços de fim de ano com "créditos em liquidação", pois os pagamentos atrasados ainda não terão completado noventa dias, como dispõe a lei bancária americana.

O economista Douglas Smee, que se reuniu também com técnicos do Departamento Econômico (Depec) do Banco Central, informou apenas que ainda

hoje devem chegar seus colegas Hans Grimm (da União de Bancos Suíços) e, talvez, James Nash (do Morgan Guaranty Trust). Ele chegou à frente para adiantar os contatos em Brasília, e disse que realmente não tem uma idéia exata de quantos dias ficará no País. Sobre as diversas visitas que fez ao País este ano, disse que já não tem a conta, e desculpou-se por não poder comentar sua missão. "Sou apenas um dos índios, é preciso falar com o cacique" — brincou, referindo-se a William Rhodes.

Técnicos da Seplan confirmaram, entretanto, que a principal missão do Subcomitê de Economia dos bancos credores é definir realmente quanto o País precisará, sob a forma de adiantamento do jumbo de US\$ 6,5 bilhões, para pagar os atrasados e zerar suas contas externas. Uma das principais questões técnicas ainda pendentes, que estaria dificultando o acerto final com os credores, é que os bancos querem cobrar juros sobre juros atrasados — e o Governo brasileiro tem procurado evitar esses custos adicionais. O Clima na Seplan começa a ficar tenso, de qualquer forma, com alguns técnicos admitindo que o Brasil difficilmente poderá fechar seu balanço de pagamentos sem um novo arranjo com o governo americano, envolvendo um empréstimo-ponte de emergência.